

Efeitos da crise dos impressos: o caso do jornal brasileiro “A Cidade”, de Ribeirão Preto/SP

Igor José Siquieri Savenhago

Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto/SP

Índice

1	A crise dos jornais	2
2	A reformulação do Jornal A Cidade	6
3	Breve histórico do jornal: vínculos políticos	21
	Considerações Finais	25
	Referências	26

Resumo

Com este trabalho, pretende-se fazer uma análise de como os jornais impressos locais/regionais estão se adaptando às mudanças de paradigmas na imprensa neste início de século XXI. O estudo será feito a partir de uma leitura do contexto histórico que estimulou, em 2006, a reforma gráfica e editorial no Jornal A Cidade, fundado em 1905, o maior e mais antigo de Ribeirão Preto, município com cerca de 600 mil habitantes no interior paulista. A análise, que se configura um estudo de caso, será fundamentada no materialismo histórico, com pesquisa de obras que tratam da crise que afeta os jornais impressos, de documentos que fazem referência à história do referido jornal e de notícias, reportagens, entrevistas e relatos de fatos recentes envolvendo a imprensa em Ribeirão Preto.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; imprensa; história, crise; reforma.

1 A crise dos jornais

É feia a crise. Estou convencido de que os donos de jornal e jornalistas compartilham o firme propósito de acabar com os jornais. Ou então são burros. Até admito que acabar com os jornais não seja a real intenção deles. Quando nada porque os donos ficariam sem seus negócios e os jornalistas, sem seus empregos. Mas que parece terem firmado uma santa aliança para acabar com os jornais, parece sim. Os donos porque administram mal as empresas; os jornalistas porque insistem com um modelo de jornal que desagrada às pessoas. (NOBLAT, 2003, p. 13-14)

O desenvolvimento recente de novas tecnologias de informação, principalmente a internet, abalou os jornais impressos. O papel de chegar na frente, de ser o primeiro a dar a notícia, no dia seguinte ao fato, está deixando de ser dos jornais neste início de século XXI, sendo ocupado, rapidamente, pela rede mundial de computadores, em que as publicações assumiram um caráter de instantaneidade. Não é mais preciso esperar amanhecer para correr à banca e saber os principais fatos do ontem. Na internet, os fatos são abordados ainda no hoje, poucos minutos depois de acontecerem. Noblat afirma que “os jovens, principalmente eles, fogem da leitura de jornais e preferem informar-se por outros meios. Ou simplesmente não se informam. Uma fatia crescente deles adere à internet”. (NOBLAT, 2004, p. 14)

O autor cita, ainda, que, já no final do século passado, entre 1997 e 2000, uma pesquisa feita nos Estados Unidos, pela Associação Americana de Jornais, com 4.003 pessoas adultas, mostrou, por exemplo, que, na faixa etária dos 18 aos 24 anos, 75% declararam que a internet mexia com sua imaginação. Em relação aos jornais, o índice apurado foi de 45%. No mesmo período, o uso da internet como fonte de informação cresceu 127% entre os norte-americanos, enquanto o consumo de jornais despencou 12% e a audiência dos telejornais, 14%. Para Noblat (2004), algumas explicações para a crise que os jornais atravessam são possíveis.

Os leitores acham que o cardápio de assuntos dos jornais está mais de acordo com o gosto dos jornalistas do que com

o gosto deles. E que a visão que os jornalistas têm da vida é muito diferente da visão que eles têm. Nada disso, porém, parece abalar os jornalistas e donos de jornal. Eles se comportam como se soubessem, mais do que os leitores, o que estes querem, têm a obrigação de querer ou devem deixar de querer. (NOBLAT, 2003, p. 15)

Na obra *A arte de fazer um jornal diário*, Noblat (2004) lembra uma passagem ocorrida em 2002 para ilustrar esta teoria. Naquele ano, Dick Brass, um executivo americano empregado do todo-poderoso dono da Microsoft, Bill Gates, previu que a última edição do *New York Times*, considerado o mais influente jornal do mundo, circularia em 2018. O resultado da declaração foi uma reação de desdém da direção do *New York Times*. “Vamos continuar como a principal fonte de notícias e informações dos Estados Unidos. E talvez do mundo”, disse, na época, Arthur Sulzberg Jr, o principal diretor do jornal.

Sete anos depois, porém, na edição de 29 de abril de 2009, uma das principais revistas brasileiras, a *Veja*, trouxe uma reportagem intitulada “Inferno na Torre do *Times*”, cujo assunto era, exatamente, a crise enfrentada pelo *New York Times*, classificado pela revista como “Bíblia do Jornalismo Americano”. Segundo a referida edição da *Veja* (p. 90), o jornal está “sufocado por dívidas, pela recessão e pela internet – e, se falir, poderá marcar o começo de uma era perturbadora na qual os jornais seriam irrelevantes”.

O principal assunto da reportagem da revista era uma notícia que havia sido veiculada, dias antes, na página 6 do caderno de economia do próprio *Times*, em que o grupo proprietário do jornal declarava ter acumulado um prejuízo de 74,5 milhões de dólares no primeiro trimestre de 2009, valor absurdamente superior ao registrado no mesmo período de 2008, quando o saldo negativo foi de *apenas* [grifo nosso] 335 mil dólares. O tamanho do rombo em 2009 foi consequência, segundo a direção do *Times*, da queda na receita publicitária em papel, de 28,4%, e na internet, de 8%.

Pelo mundo afora, os jornais sentem a agulhada de uma conjunção de fatores especialmente desfavoráveis: a recessão mundial, que reduz os gastos com publicidade, e

o avanço da internet, que suga anúncios, sobretudo os pequenos e rentáveis classificados, e também serve como fonte – em geral, gratuita – de informações. (Revista Veja, 29 de abril de 2009, p. 90)

Na mesma reportagem, Sulzberg, o diretor que não havia dado muito crédito à declaração do empregado de Bill Gates, aparece lamentando a situação do *New York Times* e admitindo que a dívida do jornal estava crescendo e a circulação caindo. De 1990 a 2008, o número de leitores do jornal diminuiu 11,3% segundo a reportagem da Veja, que termina com o seguinte parágrafo:

E quem acha que a internet, por sua natureza virtual, dissemina mais informação e eleva a cultura das massas precisa ir devagar. O site do *Times*, com seus 20 milhões de usuários, é o maior site de jornal do mundo. Mas, em média, seus visitantes ficam no site 35 minutos – por mês. Ou 1,10 minutos por dia. Não dá tempo de ler nem um gibi. É como se os internautas passassem numa banca, dessem uma olhada nos títulos expostos e fossem embora. Sem ler nada. É perturbador. (Revista Veja, 29 de abril de 2009, p. 93)

Profissionais ligados à imprensa parecem mesmo concordar que os jornais enfrentam uma crise sem precedentes. Noblat (2004) chega a afirmar que “os jornais, contudo, morrerão, sinto dizer-lhes isso. Tal como existem hoje, tudo indica que morrerão. Só não me arrisco a dizer quando”. (NOBLAT, 2004, p. 19)

Diante desse quadro, o autor se arrisca a dar algumas dicas para a sobrevivência dos jornais impressos. Para ele (2004, p. 16-17), são necessários: uma renovação na pauta de assuntos, para aproximar os jornais de jovens e mulheres; que o noticiário seja humanizado e que a abordagem seja feita a partir da visão dos leitores; que a preocupação maior seja antecipar situações do que relatar os temas do ontem; que se invista em reportagens, porque são elas que diferenciam um jornal do outro; que haja mais interação com os leitores, para que eles digam o que pensam; que sejam priorizados textos que fogem ao padrão atual de

notícia (lide); que os profissionais da redação sejam altamente qualificados e que haja forte investimento dos próprios jornais nessa qualificação; e, finalmente, que os jornais dependam menos de anunciantes e mais da venda de seus exemplares.

Costa (2002) segue uma linha semelhante de reflexão. Segundo a autora, é comum encontrar em vários jornais notícias também veiculadas em outros, o que demonstra o aproveitamento, integral em muitos casos, principalmente pela mídia local, de releases, enviados às redações por assessorias de imprensa.

Os assessores de imprensa são peça fundamental no produto noticioso que chega até o leitor. Ao apresentar um material “pronto e acabado”, o pessoal do jornal só tinha o trabalho de digitar os textos, [já que na época os releases ainda eram enviados por fax]. Tendo em vista a infra-estrutura precária da empresa em questão, no que diz respeito à mão-de-obra jornalística, os assessores ajudam a determinar o que será noticiado ao público. São eles que desempenham a função do jornalista da redação – já que seus textos são reproduzidos na íntegra pelo jornal. Ao “sugerir” como tal matéria deve ser colocada na edição do dia seguinte, mais do que “repórteres”, eles passam a ter também a função de editor do jornal. (COSTA, 2002, p. 86)

Peruzzo (2005) complementa a afirmação. Segundo ela, com o processo de globalização, impulsionado de maneira significativa pela internet, esperava-se, inicialmente, que as mídias locais seriam sufocadas, que perderiam espaço, mas o que se observa é justamente o contrário.

Houve, assim, a superação da tendência pessimista de considerar que as forças globalizadas – da economia, da política e da mídia – detêm o poder infalível de sufocar as sociedades e as culturas nos níveis nacional e local. A realidade vai evidenciando que o local e o global fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, simultaneamente. (PERUZZO, 2005, p. 5)

Considerando o cenário apresentado, a proposta deste trabalho é analisar como os jornais locais estão se adaptando às mudanças de paradigmas no jornalismo, enfrentando a crise dos impressos e lutando pela

sobrevivência. Isso será feito por meio de um estudo de caso, utilizando-se da metodologia que permite a análise de transformações históricas fundamentada no materialismo histórico – que consiste em observar como a transformação dos modos de produção provoca mudanças sociais, econômicas e políticas e vice-versa, ou seja, como as mudanças na sociedade provocam novas transformações nos modos de produção e no percurso histórico. Pretende-se, no caso específico do presente trabalho, estudar como as transformações históricas na imprensa, como um todo, e, especialmente, em Ribeirão Preto – município de quase 600 mil habitantes do interior paulista, a 310 quilômetros de São Paulo –, impulsionadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias, que provocaram, conseqüentemente, diferentes formas de pensar o mundo, influenciaram nas relações humanas e, por sua vez, como essas relações promoveram avanços nos modos de produção, principalmente na estrutura e nas condições que permitiram realizar uma ampla reforma gráfica e editorial num jornal impresso centenário, tido como tradicional e conservador, de forma que atendessem as exigências ideológicas deste início de século.

Nosso objeto de pesquisa será o jornal *A Cidade*, fundado em 1º de janeiro de 1905, o maior e mais antigo de Ribeirão Preto. Quatro anos atrás, o veículo passou por modificações significativas no seu conteúdo e na parte visual, para atrair mais leitores, anunciantes e enfrentar a concorrência – fortalecida com a chegada, em 2004, da *Gazeta de Ribeirão*, pertencente à RAC (Rede Anhanguera de Comunicação), o mesmo grupo que publica os tradicionais jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo* em Campinas, uma das maiores cidades do Estado de São Paulo, com mais de um milhão de habitantes. Em que contexto histórico houve essa reformulação? Esta é a questão que será investigada a partir de agora.

2 A reformulação do Jornal A Cidade

Em entrevista ao *site* *Jornalistas & Cia*, portal com informações sobre a imprensa brasileira, publicada no dia 2 de fevereiro de 2010, a editora-executiva e o editor-chefe do Jornal *A Cidade*, Rosana Zaidan e Josué Suzuki, analisam o atual momento do veículo e projetam crescimento. Suzuki se posiciona como um defensor da mídia regional, que, segundo

ele, está em franca expansão. “Não há como ignorar esse crescimento. E as pessoas estão buscando, cada vez mais, informações de sua localidade, de sua região, do seu cotidiano, sem perder o foco no macro. E quem melhor para atender esta exigência do que a mídia regional?” (SUZUKI, Josué. Entrevista concedida ao *site* Jornalistas & Cia, 2 de fevereiro de 2010).

A partir dessa constatação, Suzuki vê a internet, tida como uma das grandes responsáveis pela crise dos impressos, como uma aliada. Ele diz, na mesma entrevista, que, diferente dos prognósticos pessimistas, a mídia impressa “está cada vez mais forte”. E, por isso, “precisa estar atualizada e ver no crescimento da internet uma oportunidade”. Perguntado sobre os principais planos para 2010, o editor-chefe destaca melhorias no *site* do jornal e a inserção de “novos conteúdos, saber o que leitor quer”.

De acordo com a editora-executiva, Rosana Zaidan, as mudanças editoriais e gráficas promovidas no jornal em 2006 foram um grande passo para reafirmar a mídia impressa em Ribeirão Preto, onde, na visão dela, a tradição do rádio sempre foi mais forte. A reforma é vista por ela como um dos momentos marcantes do veículo, entre outras decisões tomadas ao longo da história da imprensa escrita em Ribeirão que permitiram a sobrevivência do A Cidade. Uma delas foi a implantação, pelo proprietário do jornal, Orestes Lopes de Camargo, na segunda metade da década de 40, de uma seção de classificados. Os “quadrinhos” do “seu” Orestes, como ficaram conhecidos os espaços da seção, deram, segundo Zaidan, “a receita para que o jornal nunca fechasse as portas”. (ZAIDAN, Rosana. Entrevista concedida ao *site* Jornalistas & Cia, 2 de fevereiro de 2010).

Pelissari (2001) afirma que foi a partir da implantação dos classificados que o jornal passou a ter uma melhor situação financeira. “A entrada de dinheiro permitiu melhorias gráficas e até mesmo na estrutura da empresa. A velha máquina Marinoni foi substituída por uma impressora plana e, na década de 50, trocada por uma rotoplana. A impressora rotativa viria na metade da década de 60”. (PELISSARI, 2001, p. 137).

Durante décadas, os classificados foram a grande vedete do Jornal A Cidade, mas talvez o único atrativo aos leitores. Com o passar do tempo, por causa de sua postura conservadora, o jornal, apesar de se

manter na ativa, passou a não ser visto pela população de Ribeirão Preto como modelo, referência de veículo impresso. Perdeu prestígio, principalmente nas décadas de 80 e 90. As vendas se mantinham quase que, exclusivamente, por causa da força dos classificados.

Em meados dessa primeira década do século XXI, entretanto, com uma estrutura apertada, número reduzido de profissionais na redação e a ameaça de perder terreno para a concorrência, que chegava com um projeto visual ousado e a proposta de investir pesado em reportagens locais, o jornal foi obrigado a passar por uma reformulação. Mas o investimento na reforma gráfica e editorial só foi possível graças a uma parceria com o Grupo Coutinho Nogueira, sócio-controlador da EPTV (Emissoras Pioneiras de Televisão), afiliada Rede Globo que possui unidades em Ribeirão Preto, São Carlos, Campinas e Varginha. O acordo, segundo notícia publicada no portal Imprensa, em 17 de fevereiro de 2006, foi firmado no dia anterior, dia 16, com a aquisição, por parte da EPTV, de 50% das ações da família Orestes Lopes de Camargo, dona do jornal. As negociações, que tiveram início em 2005, ano do centenário do jornal, definiram que a redação e os setores administrativo e financeiro ficariam sob responsabilidade da EPTV, enquanto o gráfico e o comercial continuariam com o grupo Lopes de Camargo.

A queda no prestígio e na influência do jornal na vida social da cidade, ocorrida anteriormente ao acordo com a EPTV, é justificada por Tornatore (2005) com o fato de que Orestes Lopes de Camargo e o filho Juracy, que faleceram em 1993 e 2002, respectivamente, já não tinham mais a disposição de épocas passadas para gerir o jornal. Quando morreu, fraco e debilitado, Orestes estava prestes a completar 93 anos de idade. E Juracy, que faleceu aos 76 anos de idade, foi o último dono do A Cidade a comandar a redação do jornal.

Na década de 80, Orestes Lopes de Camargo continua a escrever diariamente e a emitir sua opinião sobre os mais diferentes assuntos, mas não é mais um participante da vida política como o fora entre as décadas de 30 e 70. Torna-se uma espécie de espectador privilegiado, e com certeza orgulhosa do patrimônio – A Cidade – que estava deixando para filhos e netos. Juracy, por sua vez, mantinha a tradição, agora quase secular, de apoiar tudo aquilo que era bom para a comunidade, para “o progresso e o engrandecimento de

Ribeirão Preto” (...). Continuava trabalhando da forma que aprendera com o pai, décadas antes – como na década de 40 Jura já ocupava o cargo de diretor gerente do jornal, dá pra entender sua aversão a uma reforma que modernizasse o modo de produção do jornal. Os novos tempos não eram o seu tempo. (TORNATORE, 2005, p. 99)

O jeito arcaico de trabalhar, no entanto, precisava ser revisto caso o jornal não quisesse perder ainda mais prestígio e correr o risco até de fechar as portas. Jandyra de Camargo Moquenco, a mais velha dos três filhos de Orestes, que atuava também como diretora do jornal, tinha 81 anos quando o irmão Juracy morreu e também já não gozava de tanta disposição para reverter o quadro que se instaurava em A Cidade – ela, que foi a primeira linotipista do Brasil e ocupava, ultimamente, o cargo de presidente de honra do jornal, faleceu em 5 de agosto de 2009, aos 88 anos, vítima de parada cardíaca. A solução encontrada em 2002, imediatamente após a morte de Juracy, foi profissionalizar o departamento de jornalismo. Quem coordenou a transição foi Maria Virgínia Lopes de Camargo Cordeiro, filha de Juracy. Mesmo assim, o jornal não reencontraria o prestígio de outrora. Só a venda de 50% das ações para a EPTV, que promoveu a injeção de recursos na empresa, é que recolocaria o veículo, definitivamente, de volta nos trilhos.

Um dos fatores que contribuíram para acelerar as reformas no Jornal A Cidade foi a entrada, em 2004, em Ribeirão Preto, do Jornal Gazeta de Ribeirão, pertencente à RAC (Rede Anhanguera de Comunicação), empresa que publica, em Campinas, a 100 quilômetros de São Paulo, os tradicionais jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo* e detém, ainda, o portal *Cosmos*, de notícias sobre o interior paulista, a *Revista Metrôpole* e o recém-lançado *Notícia Já*, tabloide com três anos de existência, dirigido às classes B, C e D e que circula em Campinas e mais doze municípios circunvizinhos.

O lançamento da *Gazeta de Ribeirão Preto* integrou uma estratégia da RAC de abrir jornais menores, direcionados a regiões específicas de Campinas e a outros municípios do interior paulista. Em 2003, surgiram a *Gazeta do Cambuí*, distribuído num dos maiores bairros de Campinas, e a *Gazeta de Piracicaba*. O sucesso da iniciativa impulsionou o lançamento, no ano seguinte, da *Gazeta de Ribeirão*, que trouxe novidades

para a imprensa escrita de Ribeirão Preto. Com um projeto gráfico inovador, colorido em mais da metade das páginas, formato *berliner* (ou germânico), até então inédito na cidade, investimento maciço em reportagens locais – facilitado pela sua periodicidade, que era, inicialmente, semanal, com circulação aos finais de semana – e distribuição gratuita, o jornal se tornou, em pouco tempo, conhecido e requisitado. Com uma tiragem de 30 mil exemplares por edição e direcionado, principalmente, às classes A e B, a Gazeta de Ribeirão chegava a praticamente todos os condomínios de Ribeirão Preto e circulava em regiões da cidade com grande trânsito de pessoas, como a área central, os shoppings e o aeroporto.

O novo jornal passou a atrair anunciantes com interesses no alto poder aquisitivo dos leitores, como imobiliárias, concessionárias de veículos, construtoras e centros de educação privada, sobretudo universidades, o que significou, também, um crescimento da demanda para o setor de classificados da Gazeta, ramo dominado, anteriormente, pelo Jornal A Cidade. Enquanto isso, o grupo Orestes Lopes de Camargo, que tinha promovido uma pequena mudança gráfica nos padrões gráficos do A Cidade em 2003, por ocasião da profissionalização do departamento de jornalista, mas insuficiente para fazer recuperar o prestígio do jornal, via-se em meio a uma realidade que exigia, de um lado, adaptações para enfrentar o fortalecimento das tecnologias digitais, e, de outro, uma corrida para sobreviver num mercado que, a partir de 2004, passava a ser mais competitivo.

A grande reforma, que pode ser acompanhada pelas figuras a seguir, veio em 2006. As mudanças alteraram, significativamente, a “cara” do jornal, que, nos 100 anos anteriores, se havia passado por algumas modificações, estas foram pequenas, não tão notórias quanto a última¹.

¹Figura 1 e figuras 9 a 18. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Ribeirão Preto. Figuras 6 e 7. Fonte: Banco de imagens na internet (sem data definida). Figura 8. Fonte: *Site* do Jornal A Cidade, de Ribeirão Preto (www.jornalacidade.com.br). Figuras 2, 4, 5 e 6 – reproduções feitas pelo autor do presente trabalho a partir de edições obtidas junto ao jornal Gazeta de Ribeirão.



Figura 1. *Capa do Jornal A Cidade em 9 de março de 2003, antes da parceria com a EPTV.*



Figura 2. *Capa da Gazeta de Ribeirão em 25/09/2005, pouco mais de um ano após ser lançado.*



Figura 3. Reportagem da Gazeta de 14/07/2005. Uso da cor e elementos gráficos bem dispostos.



Figura 4. Classificados da Gazeta de Ribeirão, que ocuparam uma fatia do espaço anteriormente dominado por A Cidade.



Figura 5. Com maioria das páginas colorida e destinado às classes A e B, *Gazeta de Ribeirão* atraiu anunciantes interessados no alto poder aquisitivo dos leitores, como universidades privadas.



Figura 6. Reportagem do *Jornal A Cidade* publicada no início desta década, antes da reforma. Elementos gráficos pouco atraentes.



Figura 7. Capa do Jornal A Cidade de 4 de março de 2010, após a reforma gráfica e editorial promovida em 2006.



Figura 8. Capa e reportagem publicada no Jornal A Cidade após a parceria com a EPTV, já com padrão gráfico modificado.



Figura 9. *Capa de 1º/1/1905, a primeira edição do jornal.*



Figura 10. *Capa de 18 de junho de 1912*



Figura 11. *Capa de 13 de março de 1926*



Figura 12. *Capa de 25 de novembro de 1932*



Figura 13. *Capa de 30 de abril de 1949*



Figura 14. *Capa de 2 de outubro de 1951*



Figura 15. *Capa de 30 de novembro de 1967*



Figura 16. *Capa de 21 de fevereiro de 1975*



Figura 17. Capa de 3 de julho de 1983



Figura 18. Capa de 1º de julho de 93. Esta configuração gráfica permaneceu até 2003, o que mostra ter havido uma evolução pequena em um século de jornal; a reforma gráfica e editorial em 2006, em parceria com a EPTV, provocou mudanças significativas em A Cidade e o jornal deu um salto de qualidade maior que nos cem anos anteriores, estimulado pela concorrência e pela necessidade de adaptação à nova realidade do mercado, dominado pelas tecnologias digitais.

Entre as principais mudanças promovidas em A Cidade com a reforma de 2006, estão, principalmente, o crescimento da cobertura de assuntos locais, o consenso de que a fotografia é um elemento essencial para uma matéria jornalística de qualidade e investimento em textos próprios, já que, anteriormente, era comum a publicação de *releases* integrais, enviados, na maioria das vezes, por órgãos oficiais, como a prefeitura.

Ampliar a cobertura de assuntos locais era mais que necessário, tendo em vista que a concorrente Gazeta de Ribeirão, por ser semanal, permitia a seus repórteres um maior aprofundamento no texto em relação a outros jornais da cidade. Pelo fato de circular exclusivamente em Ribeirão Preto, a Gazeta conseguia, além de abordar um leque diversificado de temas, atingir um certo detalhamento da informação. Já A Cidade, antes de firmar parceria com a EPTV, destinava um considerável espaço em suas páginas para a reprodução notícias e reportagens de veículos de caráter nacional ou internacional. Isso pode ser comprovado por meio de figuras acima. Na Figura 1, que estampa a capa de A Cidade de 9 de março de 2003, a manchete faz referência à governadora do Rio de Janeiro. Na figura 18, a capa de 1º de julho de 93, o destaque é a prisão preventiva de “PC Farias”, personagem que ficou conhecido por envolvimento nos casos de corrupção envolvendo o ex-presidente Fernando Collor de Mello. Na figura anterior, a 17, que traz a capa de 3 de julho de 1983, o assunto principal é o insucesso da Polícia de Alagoas na tentativa de prender quatro pistoleiros. E, na capa de 21 de fevereiro de 1975 (figura 16), a manchete é sobre o ex-presidente militar Ernesto Geisel.

Essa era uma das tendências de A Cidade que precisou ser abandonada com o crescimento da demanda por notícias locais, conforme citado por Peruzzo (2005) no capítulo anterior, e frente a estratégia da concorrência de investir em assuntos de interesse local. Dessa forma, os releases elaborados por assessorias de imprensa foram eliminados do jornal. Para a produção de textos próprios, a parceria A Cidade-EPTV providenciou melhorias na estrutura da redação, como o aumento no número de profissionais. O jornal, que trabalhava com uma equipe reduzida, de menos de uma dezena de jornalistas antes da reforma de 2006, conta, atualmente, com um total de 140 funcionários, sendo 44 jornalistas.

A inserção de imagens e o investimento na qualidade das fotos foi outra mudança significativa que passou a vigorar em 2006. Na capa de 1º de julho de 93 (figura 18), por exemplo, não existe imagem em meio ao extenso aglomerado de textos. Apesar de ter sido publicada há menos de 20 anos, assemelha-se, neste aspecto, às edições do início do século passado. Até mesmo a figura 1, que mostra a capa de uma edição mais recente, de 2003, ano em que algumas pequenas alterações gráficas foram feitas em *A Cidade*, as últimas antes da parceria com a EPTV, não há organização dos assuntos. Apesar de conter duas fotos, não representa um atrativo ao leitor, pois as imagens parecem estar perdidas em meio aos textos.

Já quando se analisa a capa da edição de 4 de março de 2010 (figura 8), percebe-se que há maior destaque para assuntos de interesse local. A manchete faz referência a problemas ocorridos na prefeitura de Ribeirão Preto. As fotos, que dão uma ideia de movimento e a sensação de vivacidade à capa do jornal, focalizam personagens que têm relação direta com a cidade, como um atleta do Botafogo, clube de futebol de tradição em Ribeirão Preto, que, na ocasião, treinava para enfrentar o Corinthians, e Cláudia Colucci, que havia acabado de representar a cidade em rede nacional no programa *Big Brother Brasil*, da Rede Globo.

3 Breve histórico do jornal: vínculos políticos

A resistência histórica da família Lopes de Camargo em modernizar o *Jornal A Cidade* pode ser explicada, também, pelas amizades e vínculos políticos mantidos desde o lançamento do jornal, em 1905, muitos anos antes de sua venda a Orestes Lopes de Camargo.

O jornal foi fundado pelo advogado e jornalista Enéas Ferreira da Silva, que, no entanto, deixaria o veículo cinco anos mais tarde, por causa da impossibilidade de manter a linha editorial do veículo distante da vida partidária, como é relatado por Tornatore (2005).

Naquele início de século quase todos os jornais surgiam a partir de motivações políticas. Salvo raras exceções, os jornais eram porta-vozes de partidos. *A Cidade*, porém, foi uma dessas exceções. Ou pelo menos uma quase exceção. Apesar de ter como co-fundador o filho de um vereador

recém-eleito, a direção era de Enéas Ferreira da Silva, e seus textos, ao longo dos cinco anos em que foi redator-chefe, sempre se pautaram pela defesa dos interesses da cidade, negando de forma veemente que fosse um órgão exclusivo de determinado partido, apesar do jornal ter nascido sob a inspiração do mítico coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, maior chefe político da época. Ele era o líder do Partido Republicano Paulista, ao qual pertencia o coronel Joaquim Vieira, pai do major Durval Vieira de Souza, que fundou A Cidade junto com o Sr. Enéas Ferreira da Silva. (TORNATORE, 2005, p. 5)

A influência política era tão forte que, em 1911, A Cidade é adquirido por uma sociedade anônima, formada por pessoas de confiança do coronel Joaquim da Cunha, membros do PRP. Em 11 de novembro daquele ano, conforme relata Tornatore (2005), a capa do jornal apresentava o jornal, oficialmente, como propriedade do PRP (Partido Republicano Paulista). O texto afirmava que, a partir daquele momento, A Cidade serviria para tratar questões de interesse do partido.

O PRP ocupava o comando do governo municipal e tinha como oposição um grupo comandado por outro coronel, Francisco Schmidt, que era alemão e, no Brasil, ficou conhecido com o “rei do café”, por causa da posse de grandes propriedades rurais que o fizeram se tornar o maior produtor individual do grão no mundo – entre elas a Fazenda Monte Alegre, onde está hoje instalada a USP de Ribeirão Preto.

O grupo de Schmidt editava um concorrente de A Cidade, o Diário da Manhã, que inicialmente fazia oposição ao coronel Joaquim da Cunha, mas uma ameaça do Presidente da República, Hermes da Fonseca, de promover uma intervenção no Estado de São Paulo, como já havia sido feito em outros dois Estados, fez com que Cunha e Schmidt se unissem para evitá-la. Segundo Tornatore (2005, p. 15), os dois chegaram até a trabalhar juntos para a “reeleição da Câmara Municipal, em 1913”. Após a ameaça intervencionista, o grupo de Joaquim da Cunha se mantinha atento a qualquer tentativa do Governo Federal de tirá-lo do poder em Ribeirão Preto. Ao menor sinal de perigo, o jornal A Cidade era usado para combater as tentativas da Presidência da República.

A aliança entre o grupo de Joaquim da Cunha e Francisco Schmidt, porém, foi abalada em 1918, como explica Tornatore (2005), e rompida, definitivamente, no ano seguinte, novamente por influência de brigas políticas.

O convívio pacífico entre Schmidt e Joaquim da Cunha termina em 1918, quando ocorre uma eleição para o Senado estadual. O PRP, no comando do Estado, indica o cônego José Valois do Carmo, tido como simpatizante da Alemanha – naquele tempo se usava o termo germanófilo. Praticamente toda a Ribeirão Preto rejeitava germanófilo, acusado de ser germanófilo tanto pelo *Diário da Manhã* quanto pelo *A Cidade*. Schmidt encampa o candidato do PRP, mas a base de Joaquim da Cunha reage e obtém do chefe – em oportunistas férias numa estância climática – a liberação para que apoiassem o candidato da oposição Luiz Pereira Barreto. (TORNATORE, 2005, p. 18)²

Estas passagens da história do jornal *A Cidade* ilustram quanto o veículo esteve, na maior parte de sua trajetória, atrelado a essas questões, sem independência editorial. Um dos poucos momentos em que se declara independente é o início da década de 30. Segundo Tornatore (2005), durante o golpe que derrubou a República Velha e levou Getúlio Vargas à Presidência da República, revolucionários saqueiam a sede de *A Cidade*, queimam a coleção de exemplares guardada durante os primeiros 25 anos de circulação do jornal, quebram a máquina de impressão e furtam máquinas de escrever. Um ano antes, o jornal já havia sofrido forte abalo com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que provocou estragos na economia da cidade.

Em situação difícil, o jornal volta a ser publicado somente um mês depois do episódio do saque, agora sob direção de Renato Barilari e João Palma Guião – o coronel Joaquim da Cunha, que se afastara por

²A reação ao candidato tido como simpatizante da Alemanha ocorreu porque, durante a Segunda Guerra Mundial (1914-1918), Brasil e Alemanha foram adversários. E o jornal *A Cidade*, nesse período, fez campanhas contra as investidas de submarinos alemães contra um cargueiro brasileiro. A adesão de Schmidt a Valois pode ter sido influenciada, entre outros fatores, pela nacionalidade alemã do “rei do café”.

problemas de saúde, morre em 1932. Com nova direção, o jornal passa a se autodeclarar independente.

Mas a distância de questões políticas nunca foi total. E não foi muito diferente quando o jornal foi comprado por Orestes Lopes de Camargo, em 1936. Segundo Pelissari (2001), Renato Barilari, que estava à frente do jornal, ficou doente e sem condições de continuar tocando o negócio. O irmão, Mário Barilari, sem interesse na atividade, ofereceu o jornal a Orestes, que trabalhava como gerente na empresa desde 1933. “Mesmo sem dinheiro, ele [Orestes] acertou a compra em prestações e passou a dirigir o jornal, com a família”. (PELISSARI, 2001, p. 135).

Orestes Lopes de Camargo nasceu em 1900, em Rio Claro, no interior paulista. Com 22 anos, veio para Ribeirão Preto tentar ganhar a vida. Rapidamente, conseguiu um emprego de guarda-livros, para o qual era formado – correspondente, hoje, ao diploma de contador –, o que permitiu mudar-se com a família para uma pensão. Antes, haviam se acomodado na casa de um tio.

Orestes ainda foi dono de um bar antes de ser convidado a ser gerente do jornal Diário de Notícias. “Começa aí sua paixão pela imprensa. Além de gerente do jornal, Lopes escrevia alguns artigos. Sempre determinado, com uma personalidade forte, mas calmo e conciliador, ele já começava a se destacar na cidade”. (PELISSARI, 2001, p. 135). Pouco tempo depois, veio o convite para que exercesse a mesma função no jornal A Cidade, que, na época, circulava, em média, com quatro páginas. Segundo Pelissari (2005), a impressão dos 250 a 300 exemplares diários era feita numa velha máquina Marinoni, de forma quase artesanal. Às vezes, de acordo com o autor, Orestes tinha de ficar até de madrugada trabalhando, para consertar a máquina, que quebrava frequentemente, e garantir a circulação do jornal no dia seguinte. “Orestes Lopes de Camargo sempre se preocupou com a cidade. Essa preocupação era retratada em seu jornal, que seguia uma linha conservadora. O veículo não fazia ataques e muito menos tomava posições político-partidárias”. (PELISSARI, 2001, p. 135).

Mas o ingresso na política era questão de tempo. Em 1947, elegeu-se vereador. Em 1950 e 1951, foi presidente da Câmara Municipal, e, em 63, ganhou para vice-prefeito, chegando a assumir a administração da cidade numa ocasião em que o prefeito da época, Welton Gasparini, precisou se ausentar para fazer um curso. No decorrer do mandato, foi

indicado por Gasparini à superintendência do DAERP – Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto.

O envolvimento na política se refletiu no jornal. Sempre assumindo uma postura conservadora, apoiou o golpe militar de 64 e, de acordo com Pelissari (2005), assumiu uma posição de destaque na Arena, partido que dava sustentação ao governo.

Apesar de ter uma atuação marcante na vida pública, nunca se envolveu com perseguições políticas. (...) Mesmo sem participar dos atos mais violentos que ocorreram, acabou se beneficiando com alguns deles, por os principais jornais concorrentes, Diário de Notícias e Diário da Manhã, foram fechados pela ditadura e, depois de reabertos, passaram a sofrer forte censura. (PELISSARI, 2005, p. 136).

O prestígio político permitiu que fizesse amizades com pessoas de vários setores e fosse consultado para a tomada de decisões importantes nos rumos de Ribeirão Preto. Suas opiniões na Associação Comercial e Industrial da cidade passaram a ser fortes. O relacionamento com autoridades estaduais também era estreito. Uma das histórias que ilustram essa proximidade, contada por Pelissari (2001), é que Laudo Natel, quando era governador de São Paulo, fazia visitas constantes a Ribeirão Preto com o único intuito de se aconselhar com Orestes Lopes de Camargo. Políticos do município nem ficavam sabendo que o governador havia estado na cidade.

A forma de trabalhar de Orestes Lopes de Camargo solidificou a empresa financeiramente e na vida social ribeirãopretana. Mas a linha traçada por ele, de evitar críticas e se aproximar das elites da cidade, até mesmo para atender interesses próprios, evitou, à exceção da implantação dos classificadores, ousadias na reformulação do jornal, tradição que foi seguida à risca pelos filhos.

Considerações Finais

Espera-se ter iniciado uma análise sobre o contexto histórico que permitiu a reforma gráfica e editorial do Jornal A Cidade, de Ribeirão Preto, em 2006, após parceria com a EPTV, afiliada da Rede Globo. Outros aspectos, não tratados neste trabalho, podem ter influenciado ou poderão,

ainda, serem fundamentais para o processo de transformação atravessado pelo jornal, bem como pela maioria dos veículos de mídia local ou regional, mas serão assuntos para discussões posteriores. Por ora, a preocupação foi propor um ponto de partida, para que análises mais aprofundadas sobre a atuação dos jornais impressos, e como eles têm se posicionado frente às mudanças de paradigmas na imprensa neste início de século XXI, sejam propostas. Acredita-se que o tema, tratado aqui de maneira ampla e geral, deverá, com certeza, abrir o leque para novos questionamentos e respostas sobre o problema abordado.

O que ficou caracterizado, provisoriamente, é que as mudanças no Jornal A Cidade foram feitas no sentido de acompanhar uma tendência planetária dos jornais impressos, da qual não escapam os representantes da grande imprensa: a sobrevivência depende da incorporação das novas tecnologias e, com elas, dos novos e múltiplos olhares da humanidade sobre o papel do jornalismo na sociedade. Numa época em que qualquer pessoa pode brincar de ser jornalista, reportando fatos do cotidiano nas redes sociais, é necessário que a imprensa vá além, que conquiste o leitor encarando a informação por novos ângulos, abordagens inusitadas, textos que esmiúcem as notícias já conhecidas, vistas e revistas anteriormente na internet.

Como disseram Josué Suzuki e Rosana Zaidan, o crescimento do Jornal A Cidade passa por uma aproximação ainda maior para com as demandas e desejos do leitor. Para isso, será necessário ir rompendo, aos poucos, com os vínculos políticos e comerciais herdados de gerações passadas, caso ainda existam; ampliar, cada vez mais, a cobertura em pequenos nichos – A Cidade circula em 26 municípios, mas concentra sua atuação em Ribeirão Preto –; privilegiar textos diferenciados, reportagens especiais, com histórias imprevisíveis; oferecer informação com formação, trazendo para perto do leitor discussões que eduquem e incentivem a cidadania. Com a reforma de 2006, um passo foi dado. E, quando isso acontece, ressurgue a esperança de que a aliança firmada nas redações não seja a de acabar com os jornais. Mas de reinventá-los.

Referências

COSTA, Letícia M.Pinto da. *Vozes dissonantes na imprensa do interior: a produção e a recepção do jornal “A Voz do Vale do*

Paraíba”. São Bernardo do Campo, UMESP, 2002. (Dissertação de Mestrado – Comunicação Social).

MELO, Isabel Anchieta de. *Um jornalismo de proximidade*. 03/04/2007. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=427DAC005>. Último acesso em 18/10/2011.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PELISSARI, Helio. Orestes Lopes de Camargo. In: AMORIM, Galeño (org.). *Os Desbravadores: personalidades que fizeram história no interior paulista*. Ribeirão Preto: Palavra Magica, 2001.

PERUZZO, Cecília. *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências*. Disponível em http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/midia_regional_e_local_aspectos_conceituais_e_tendencias.pdf. Último acesso em 14/11/2011.

PIRES, Julio Manuel. *O desenvolvimento econômico de Ribeirão Preto: 1930-2000*. Disponível em <http://www.arquivopublico.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/i14index.php?pagina=/scultura/arqpublico/artigo/i14indice.htm>. Último acesso em 10/09/2011.

PORTAL IMPRENSA. *Parceria: EPTV-Ribeirão Preto adquire 50% do jornal A Cidade*. Reportagem de Gustavo Giroto. 17/02/2006. Disponível em http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2006/02/17/imprensa7067.shtml. Último acesso em 11/11/2011.

REVISTA VEJA. *Inferno na torre do Times*. Reportagem de André Petry. Ano 42, Edição 2110, nº 117. 29 de abril de 2009, p. 90-93.

SILVA, Adriana Capretz Borges da. *Cem anos de desenvolvimento urbano de Ribeirão Preto*. Disponível em <http://www.arquivo-publico.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpub>

lico/i14index.php?pagina=/scultura/arqpublico/artigo/i14indice.htm. Último acesso em 19/10/2011.

SUZUKI, Josué. Entrevista concedida ao *site* Jornalistas & Cia (www.jornalistasecia.com.br). 2 de fevereiro de 2010.

TORNATORE, Nicola. *A Cidade 100 anos: Fazendo História*. Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, 2005.

ZAIDAN, Rosana. Entrevista concedida ao *site* Jornalistas & Cia (www.jornalistasecia.com.br). 2 de fevereiro de 2010.